

8. ANÁLISE DE TEXTOS

Sumário das categorias analíticas a serem utilizadas

1. Recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental (constitutivos do sentido) — retórica integrada:

- 1.1. Tempos verbais { "mundo comentado"
"mundo narrado"
- 1.2. Advérbios e expressões atitudinais e outros índices de avaliação
- 1.3. Indicadores ilocucionários e modais (de **modalidade**): verbos, advérbios, expressões, torneios sintáticos, etc.
- 1.4. Pressuposições
- 1.5. Operadores argumentativos
- 1.6. Autoridade polifônica

2. Recursos retóricos ou estilísticos de segundo nível — retórica aplicada ("acrescentada"), decorrentes da aplicação de leis do discurso ou de outros tipos de mecanismos que operam em diferentes níveis de significação:

- 2.1. Ironia e metalogismos em geral
- 2.2. Seleção lexical: oposições, jogos de palavras, metáforas, etc.
- 2.3. Inter-relacionamento de campos lexicais
- 2.4. Argumentos de autoridade (raciocínio por autoridade)
- 2.5. Questões retóricas
- 2.6. Exclamações retóricas
- 2.7. Comparações
- 2.8. Uso retórico da pressuposição
- 2.9. Apresentação de explicitações ou argumentos que se pretende ressaltar ou sobre os quais se deseja chamar a atenção sob forma de termos ou orações intercaladas ou "acessórias" do ponto de vista gramatical.
- 2.10 Paralelismo sintático e rítmico (similicadência)

Coisas da política

Leão sem representação

Wilson Figueiredo

O leão fiscal é um animal originário do Brasil, com a peculiaridade de preferir as rendas de salário e mostrar muito menor voracidade em relação às rendas de capital. Vive em nossa selva tributária e tem as honras de rei para redistribuir os babados que fizeram da classe média a eleita, indiretamente, para o sacrifício social.

Esta é a última semana em que o leão ficará solto, inclusive na televisão, para conduzir o imenso rebanho pequeno-burguês ao parque nacional da Receita Federal. A parcela mais apetitosa da fauna tributária nacional estará a caminho dos guichês bancários que dão ingresso à grande exposição.

O leão não conseguiu ainda moderar sua fome, mas disciplinou a temporada alimentar; além da antiga e tradicional ração, servida através dos descontos na fonte e da suplementação mensal que cobre uma discutível diferença, a mais nobre personalidade do reino tributário brasileiro tem agora, trimestralmente, o prato feito por profissionais liberais e quantos — de preferência viúvas e desquitadas — ousam sobreviver de rendas de imóveis. E de sobremesa, o leão exige a contribuição de pessoas físicas que cometem a imprudência de receber remuneração de outra, 30% adiantados sobre o sonho avulso.

O leão da Receita Federal nutre-se é do capital de giro da pequena burguesia historicamente encalacrada para manter uma apresentação parecida com a da grande, situada mais em cima. Abaixo dela, sem despesas de representação, outra classe se candidata a subir a escada rolante dos salários no edifício social sem se dar conta do que a espera: nada menos que o voraz leão do Tesouro.

Os exemplares de maior porte salarial começam a ser reavaliados pela insaciável fome tributária. O contribuinte brasileiro da classe média é hoje um espécimen perfeitamente ciente de que, por honra da ascensão social, vai pagar mais do que pode. Sente também que nem assim se libertará de um ancestral sentimento de sonegação que vem dos tempos coloniais. A classe média carrega a culpa de uma dívida social que não fez mas perfilha. A crescente diferença de seu orçamento doméstico, pela ótica do leão, excede as necessidades oficialmente calculadas.

É tão generalizado o pânico fiscal que até os políticos fecham os olhos para não ver. Pudera. Nada impede que o leão tributário demonstre por eles uma eventual preferência. Anonimamente, sem qualquer prerrogativa, os políticos engrossarão o rebanho de maior porte, que agora fará fila nos guichês da rede bancária credenciada a receber, leoninamente, a confissão completa de ganhos e gastos reconhecidos. É a armadilha. Também eles, os políticos, vão reviver esta semana, dissolvidos da coletividade contribuinte, a impressão bíblica do dilúvio. Ninguém quer ser barrado na hora de embarcar na Arca de Noé.

Bons tempos aqueles em que o fisco usava um leão-de-chácara para garantir seu quinhão. Havia isenções inscritas na própria Constituição que, pelo menos nisso, era rigorosamente respeitada. Um dia da caça outro do caçador. Era assim antigamente. Mas até a lei da fatalidade acabou revogada na confusão: o dia que não é do caçador fica reservado à engorda da caça.

Só de 4 em 4 anos a caça tributária tem reconhecido o direito de exercitar sua preferência. É um banquete eleitoral. O ano que vem — o primeiro do ciclo da coincidência — é um desses em que estarão reservadas à classe média as honras de premiar caçadores de votos. De vereador a senador, o pequeno burguês vai ter muito a escolher. Mas dificilmente estará curado do ressentimento de caça ferida pelo predador da selva tributária. E se lembrará de que não mereceu sequer a piedade representativa do Congresso. Nenhum mandatário do povo se lembrou de uma antiga e ponderada manifestação da cordialidade, brasileiríssima por sinal, que foi letra carnavalesca na voz de Carmem Miranda e se tornou expressão de uso corrente por uma geração inteira. Sossega, leão! Nem isso se ouviu na Câmara ou no Senado, esquecidos do "no taxation without representation" que alicerça a estabilidade norte-americana.

Paciência, cidadão contribuinte. Se a Oposição mugisse, o leão a localizaria. E aí a Receita Federal inventaria a cédula Y para os ganhos parlamentares que não remuneram a devoção pública na parte fixa dos subsídios. Da maioria não saiu sequer um gemido fiscal, por que embora de olhos fechados o leão está politicamente vigilante.

A salvação geral terá de vir da classe média que tem seu destino vinculado à cédula eleitoral numa hipoteca histórica. Sem ela não há democracia que se agüente. Com ela, há pelo menos possibilidade. Pode haver outras hipóteses, mas nem é bom falar de corda em casa de enforcado. Por muito menos — tributariamente falando — Tiradentes pagou o preço do seu pescoço.

A representação política quer ter honras de Tiradentes com o bolso do contribuinte. Por isso, se o leão, antes da idade fiscal brasileira, já era o rei dos animais, pode tornar-se depois o monarca absoluto da classe média. E o pequeno burguês credenciado pela História a financiar a democracia tem pela frente um investimento superior a seus ganhos. As fundações eleitorais da democracia serão erguidas em 82. É hora de começar a poupar mês a mês, uma parcela de indignação tributária abatida dos salários para, com juros e correção monetária, aplicar nas urnas. Quem financia pode escolher os inquilinos e recusar devedores imponentes e caloteiros (*Jornal do Brasil*, 5.4.1981).

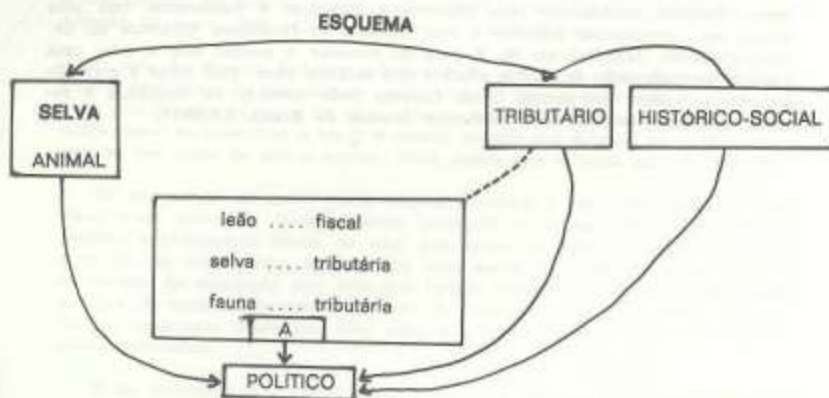
Quatro campos lexicais se destacam nitidamente no texto:

- campo da selva (animal);
- campo econômico-tributário;
- campo histórico-social;
- campo político.

Desde o início, inter-relacionam-se de maneira direta (por meio de cruzamentos sintáticos) os campos a e b (quadro A, no esquema); e, de maneira indireta, os dois primeiros com o campo c (que interpenetra todo o texto).

A partir do § 8 assume relevância o campo político (d), para o qual convergem todos os demais.

De grande importância é, no § 9, a expressão CIDADÃO CONTRIBUINTE: a palavra **cidadão** vem substituir **fauna**, **exemplares**, **rebanho**, **caça**, etc., marcando, a partir daí, o seu poder decisório nas próximas eleições e encaminhando, assim, à conclusão (3 últimos períodos do § 11).



O uso da **estratégia cumulativa**, descrita por Cornulier (1980), isto é, de repetições intencionais de um mesmo termo ou de expressões definidas possuidoras do mesmo referente, apresentadas numa espécie de **crescendo** e utilizadas, inclusive, para estabelecer a referência anafórica, aliado ao entrelaçamento de campos lexicais, vem reforçar o pressuposto básico do texto, que, também ele, se mantém presente do início ao fim: "A classe média, eleita para o sacrifício social, cabe

financiar a democracia, mas também, salvaguardá-la por meio do voto. Daí a conclusão: Quem financia pode escolher os inquilinos e recusar devedores impontuais ou caloteiros".

Trata-se de um texto de bastante força argumentativa, embora esta se apresente quase integralmente de maneira implícita. É por meio de subentendidos, ironias, sarcasmo, entrelaçamento de campos lexicais, seleção lexical altamente metafórica e dos demais recursos retóricos assinalados que o autor constrói sua argumentação, que apresenta não só de maneira coerente, mas também bastante original.

2. Exemplificação: Análise do Texto "Quem tem medo da Universidade?"

Redação e Leitura — Primeiro Encontro Nacional de professores do 3º grau — PUC/SP — 1982

Folha de São Paulo — 1º semestre de 1981

8.2 — Quem tem medo da universidade?

Aparentemente, qualquer programa no setor de educação revela um projeto político. Napoleão foi o autor da mais radical reforma educacional pela qual tenha passado a França. Não apenas reformulou a universidade como também criou o sistema de grandes escolas destinadas a formar os líderes do país. A famosa polémica entre Benjamin Franklin e Thomas Jefferson sobre o conceito de ensino superior a ser adotado em seu país desvenda as concepções sócio-políticas dos dois estadistas americanos. De Gaulle, ao instituir o célebre comitê dos sábios e reformular a universidade francesa, permite recompor a sua "idéia da França". As propostas de Humboldt sobre o papel da universidade estão em relação íntima com os conceitos políticos de Bismarck.

Essas considerações talvez ajudem a esclarecer as razões que fazem tanto o governo federal como o do Estado de São Paulo oprimir a universidade brasileira e paulista, respectivamente. Há, certamente, uma incompatibilidade entre os projetos políticos do Planalto e do Palácio dos Bandeirantes e as funções exercidas pela universidade junto à sociedade. Justamente em um período de abertura política, justamente quando o concurso da universidade poderia ser valioso na busca de fórmulas para a renovação democrática do País! E para a emancipação da sociedade brasileira! E para a construção de uma cultura própria, de uma identidade nacional! Deixo a resposta para Bertrand Russell com sua inigualável eloquência.

"O homem teme o pensamento como nada mais sobre a terra, mais que a ruína e mesmo mais que a morte. O pensamento é subversivo e revolucionário, destrutivo e terrível; o pensamento é impiedoso com os privilégios, com instituições estabelecidas e com hábitos confortáveis. O pensamento é anárquico e indiferente à autoridade, descuidado com a sabedoria curada pela idade. O pensamento espia o fundo do inferno e não se amedronta. Ele vê o homem como um frágil graveto circundado por desmesurados abismos de silêncio. Não obstante, ele se porta orgulhosamente, imutável, como se fosse o senhor do universo.

O pensamento é grande, ágil e livre, é a luz do mundo e a verdadeira glória do homem. Mas se for para fazer do pensamento a possessão de todos e não o privilégio de alguns, nós teremos que acabar com o medo. É o medo que restringe o homem. Medo de que suas crenças queridas se revelem como ilusões, medo de que as instituições pelas quais vive se provem malélicas, medo de que ele próprio se reconheça menos digno de respeito do que sempre supôs ser. Deveriam os trabalhadores pensar livremente sobre a propriedade? Então o que aconteceria conosco, os ricos? Deveriam os jovens pensar livremente sobre o sexo? Que aconteceria então com a moralidade? Deveriam os soldados pensar livremente sobre a guerra? O que aconteceria então com a disciplina militar? Abaixo o pensamento! De volta às sombras do preconceito, sem o que a propriedade, a moralidade e a guerra estarão ameaçadas. É melhor que os homens sejam estúpidos, indolentes e opressivos, do que sejam seus pensamentos livres. Pois se seus pensamentos se tornassem livres, eles poderiam não pensar como nós. E a qualquer custo, esse desastre deve ser evitado."

R.C.C.L.

Principais categorias de análise

- 1) tempos verbais
- 2) modalizadores
- 3 operadores argumentativos
- 4) polifonia

1) Tempos Verbais

Verificou-se que, segundo a teoria de H. Weinrich, os tempos verbais podem ser classificados em dois grandes grupos, que vão caracterizar a **atitude comunicativa** do locutor como **relato** ou como **comentário**. Como foi visto, são **tempos do relato, o imperfeito e o perfeito do indicativo (tempos zero), o mais que perfeito, o futuro do pretérito e as locuções verbais em que entram esses tempos. Os tempos do comentário são o presente (tempo zero), o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais formadas com estes tempos. Inclui-se também, neste grupo, no caso do português, o pretérito perfeito com valor retrospectivo com relação ao tempo zero (presente), pelo fato de, em nossa língua, ocorrer uma neutralização entre esta forma e a do perfeito como tempo zero do mundo relatado.**

Esta classificação dos tempos verbais em dois grupos explica a necessidade de concordância dos tempos verbais dentro de um mesmo período, sendo somente permitida a passagem de um grupo a outro além da fronteira da frase. Assim, quando, dentro de um mesmo período, ocorre o emprego de uma forma pertencente a outro grupo, tem-se uma **metáfora temporal**: relata-se **como se se comentasse** (é o caso do presente narrativo ou histórico), para acentuar a validade do relato; ou comenta-se **como se se narrasse**, diminuindo a força do comentário, isto é, não se engajando nele totalmente: é o caso do emprego metafórico, extremamente freqüente, do futuro do pretérito.

No texto, pode notar-se que:

a) o primeiro parágrafo inicia-se com o **presente** — tempo zero do comentário (revela). Em seguida, faz-se um retrospecto histórico com os verbos inicialmente no **pretérito perfeito: foi, reformulou, criou**. A seguir, porém, aparecem novamente verbos no **presente (desvenda, permite, estão)**, já que as asserções encerram comentários do autor.

b) no segundo parágrafo, tem-se somente tempos do comentário, com uma única exceção: **podéria**, futuro do pretérito empregado como metáfora temporal de validade limitada, indicando **suposição, irrealidade**.

c) no terceiro parágrafo, comparecem basicamente os tempos do comentário, novamente com exceção de uma série de formas no futuro do pretérito. O parágrafo termina com um **presente**, tempo de comentário. Assim, no conjunto, o texto deve ser caracterizado como pertencente ao "mundo comentado", sendo, pois, basicamente argumentativo.

2. Modalizadores

a) **Aparentemente** — o autor coloca ao nível do **parecer** aquilo que pretende demonstrar que é

Talvez — também coloca o enunciado ao nível do **parecer**, manifestando **hipótese, dúvida**

não assume (ou finge não assumir) totalmente seu discurso

X (versus)

b) **Certamente** — **engaja-se diretamente** ao lançar a tese: "há incompatibilidade entre os projetos políticos do governo e as funções exercidas pela Universidade junto à sociedade".

Surge aí a forma verbal **podéria**

- a) **irrealidade** — mas não é
- b) **suposição** — seria, se não houvesse um projeto político por trás de tudo.

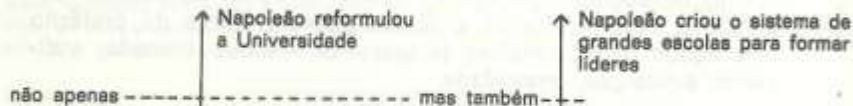
c) **podéria** implícita **deveria** (**podéria e deveria** ser assim), enfatizado pelo **justamente** (repetido), pelas **exclamações**, pelo **paralelismo de construção** e pela repetição do conector **E**.

Portanto o que **parece**, é — há um projeto político, só que incompatível com as verdadeiras funções da Universidade.

3. Operadores argumentativos

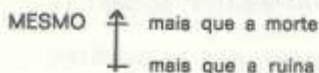
a) 1º parágrafo: **Não apenas... mas também** — ligam dois argumentos orientados no mesmo sentido: **Qualquer projeto político.**

Exemplificação: Napoleão foi autor da mais radical reforma educacional na França.



b) 2º parágrafo: E...E — também ligam argumentos orientados para a mesma conclusão.

c) 3º parágrafo: 1) **Mesmo**: marca o argumento mais forte de uma escala orientada para determinada conclusão. No caso: "O homem teme o pensamento como nada mais sobre a terra".



Além disso, a própria estrutura comparativa (quer de igualdade, quer de superioridade) já é por si mesma argumentativa.

2) e = mas: "espia o fundo do inferno, ^pe = mas) não se _qamedronta."

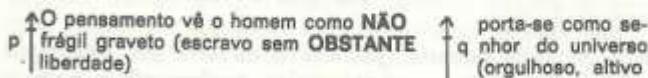


De **p** poder-se-ia concluir **R** — então se amedronta; o operador **MAS** orienta para a conclusão **TR** (não se amedronta).

3) **não obstante** — tem a mesma função do **mas**: opõe dois argumentos orientados em direção contrária, fazendo prevalecer o segundo.

O pensamento é grande, nada teme.

R = O pensamento se atemoriza R = não se atemoriza



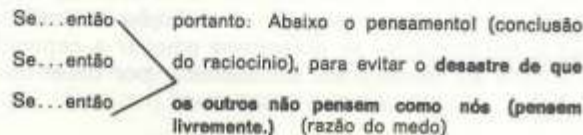
4) **MAS** — operador argumentativo que estabelece a oposição básica do texto de Russel (MEDO X LIBERDADE DE PENSAMENTO), utilizada como argumento fundamental a favor da tese do autor.

- pressuposto: o pensamento é privilégio de alguns
- suposição: deseja-se fazer do pensamento privilégio de todos

se...então

é preciso acabar com o medo, **porque** (justificativa) o medo restringe o homem, tira-lhe a liberdade.

Essa oposição é representada no jogo de questões que se cruzam a seguir, às quais se poderia dar a forma lógica do raciocínio hipotético (condicionalidade):



4. No entanto, da maneira como a oposição é representada ("encenada"), utiliza-se o recurso de **polifonia**, ou seja, incorporam-se ao discurso outras vozes, de outros enunciadores, que podem ser a do(s) interlocutor(es), de terceiros ou da opinião pública em geral. Aqui temos dois grupos de vozes se contrapondo dentro do discurso de Russel, que as incorpora, embora elas estejam nele representadas (implícitas, mostradas).

Conclusão: comprovação da tese: Há certamente uma incompatibilidade entre os projetos políticos do governo e as funções exercidas pela Universidade.

Ora, essa incompatibilidade revela a existência de um projeto político interessado em minimizar essas funções: por isso, a Universidade não é como poderia (e deveria) ser (retomando o 2º parágrafo).

5. Outro recurso retórico, além do **paralelismo**, das **exclamações** e **interrogações** já mencionados, é o da **coesão lexical**: a palavra **MEDO**, que já aparece no título, repete-se por diversas vezes no texto:

É o medo que restringe o homem $\left\{ \begin{array}{l} \text{MEDO de que...} \\ \text{MEDO de que...} \\ \text{MEDO de que...} \end{array} \right.$

Surgem também outros termos relacionados, isto é, do mesmo campo lexical: o homem **teme** o pensamento, o pensamento não se **amedronta**. Trata-se, pois, de outro elemento de coesão textual, argumento poderoso a favor da tese: a **incompatibilidade é devida ao medo** e a resposta à indagação do título: "**Quem tem medo da Universidade?**"

A análise feita vem ressaltar a importância de nos conscientizarmos da existência e do valor das marcas argumentativas implícitas nos textos, para permitir-nos detectá-las no discurso do outro, não nos deixando manipular por ele, e utilizá-las de maneira adequada no nosso próprio discurso, dotando-o de maior poder de persuasão.

É por esta razão, também, que, no ensino da língua, **leitura, compreensão, interpretação e redação** necessitam ser trabalhadas em conjunto, se quisermos ampliar a capacidade de nossos alunos de interagirem socialmente por meio de linguagem verbal.

Referências Bibliográficas

- WEINRICH, H. (1964). *Tempus. Besprochene und Erzählte Welt*. Trad. esp., Ed. Gredos, Madri.
- VOGT, C. (1980). *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. Ed. Hucitec, SP.
- DUCROT, O. (1980). *Les mots du discours*. Ed. de Minuit, Paris.
- KOCH, Ingedore G. V. (1981). "Aspectos da Argumentação em Língua Portuguesa". Tese de doutorado. PUC/SP.
- KOCH, Ingedore G. V. (1982). "Os tempos verbais do discurso". In *Revista Angulo*, nº 13/14, Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Lorena, SP, p. 14-17.

8.3 — Exemplificação: Análise do Texto "Um desenhista que rejeita o estilo".

Um Desenhista que rejeita o estilo

SHEILA LEIRNER

Os desenhos contidos no livro que Millôr Fernandes lança hoje em São Paulo talvez não sejam os melhores ou os mais significativos. E a forma que os organizadores e a Editora Ráises escolheram, baseada inteiramente no catálogo da exposição de Saul Steinberg no Whitney Museum of Art de N. Y., por Harold Rosenberg (A. A. Knopf), talvez também não seja a mais adequada ao trabalho irreverente e anti-convencional de Millôr. Um trabalho que exigiria muito mais um livro de artista, do que sobre o artista como a "coroação" tradicionalista de uma carreira realmente excepcional.

Entretanto, fica, felizmente, o registro de uma obra sem par neste país. Millôr é único nessa marginalidade de escritor de quadros e pintor de escrituras, desenhista do pensamento, cartunista do literário, crítico do grafismo e humorista da tragédia. Alguém que está fora de qualquer categoria, livre para pensar, assim como Steinberg, que "desenhar é uma maneira de ponderar sobre o papel", e de ver as cenas do mundo também assim como o genial artista americano: "Com uma assinatura bem embaixo, no canto direito".

No livro, alguns desenhos ironizam as fórmulas de linguagem da História da Arte (op, concretismo, abstracionismo, etc.), sem dúvida, tão falsas e auto-evidentes quanto a figura de Papai Noel ou o ovo de Páscoa. Esta crítica faz sentido: afinal, além de ser "um escritor sem estilo", Millôr é também, para nossa alegria, um desenhista que rejeita o estilo. Pertence ao rol daqueles que independem das máscaras que dão corpo aos sentimentos, pois apresentam os próprios sentimentos, como eles são. Confusos, sem uniformidade, paradoxais, mas genuínos. Coerentes apenas com a linha brilhante do seu pensamento, e a sensualidade, humor e vitalidade do seu temperamento (O Estado de São Paulo 1981.)

1. Recursos argumentativos do nível fundamental — retórica integrada

1.1. Tempos verbais

Todos os tempos verbais do texto pertencem ao "mundo comentado" (Grupo I), com uma única exceção:

exigiria (§ 1,6), explicável na terminologia de Weinrich, como **metáfora temporal de validade limitada** — condicional irreal (visto que a obra a que o texto se refere já está publicada).

1.2. Advérbios atitudinais

§ 1 **realmente** (8): embora se refira ao adjetivo **excepcional**, podendo, pois, ser considerado **advérbio de constituinte**, traduz o sentimento do locutor diante da obra de Millôr Fernandes (**Realmente, trata-se de uma carreira excepcional**). Apresenta, mesmo, um valor argumentativo próximo ao de **decididamente**, analisado por Bruxelles et al., in Ducrot (1980)¹. Preferimos, portanto, considerá-lo como advérbio concernente ao conjunto do enunciado, revelando atitude do locutor.

§ 2 **felizmente** (1) — também exprime o sentimento, a atitude do locutor perante o fato contido no enunciado.

§ 3 a) **sem dúvida** (2) — introduz um julgamento do locutor. Embora pudesse ser considerado um marcador ilocucionário (eu afirmo com certeza que...), isto é, como simples reforço do ato de asserção, tem-se a impressão de que, no caso, o locutor manifesta um sentimento, uma convicção quanto ao julgamento que vai fazer e que consiste numa comparação: as

fórmulas da linguagem da História da Arte ... (são), sem dúvida (isto é, na minha opinião, eu não tenho a menor dúvida a respeito) tão falsas e auto-evidentes quanto a figura de Papai Noel ou do ovo de Páscoa.

b) **Afinal** (4) (na verdade, é preciso reconhecer que...) Introduce uma justificativa com relação ao conteúdo da asserção anterior e encaminha a conclusão do locutor.

c) **para nossa alegria** — expressão adverbial de valor argumentativo semelhante ao de **felizmente** (ver acima).

1.3 Índices de avaliação

§ 1 os melhores ou os mais significativos (2)
a mais adequada (6)

trabalho irreverente e anti-convencional (5)
carreira realmente excepcional (8)

§ 2 obra sem par neste país (1),
etc.

1.4 Indicadores ilocucionários e modais

(verbos, expressões, advérbios, torneios sintáticos,
etc.)

§ 1 a) **talvez** (2) não sejam os melhores ou os mais significativos (A).

b) **talvez** (5) não seja a mais adequada (B)

Talvez, como indicador ilocucionário, modaliza os enunciados que introduz, **atenuando** a força do ato de asserção. No entanto, o enunciado "Talvez P" permite tirar as mesmas conclusões que se tirariam se P fosse simplesmente asseverado. Segundo Ducrot, isto ocorre pelo fato de **Talvez p mostrar, dizer 2**, uma asserção de P, atribuída a um enunciador diferente do locutor. Nesses casos, porém, não se trata de um enunciador real, fisicamente distinto de L, mas de um enunciador **virtual** ou, mesmo, de uma certa **virtualidade de L**. Daí a semelhança com "poder-se-ia dizer que...", "Eu seria tentado a dizer que...". Tem-se, aqui, portanto, um caso de **autoridade polifônica**, já que o simples fato de A e B terem sido enunciados, ainda que por um enunciador virtual, dá a essas asserções o valor de argumentos, permitindo que venham a constituir a base de possíveis inferências.

c) **exigiria** (6) — condicional irreal. Aqui não se trata do emprego polifônico do condicional (futuro do pretérito), mas de um introdutor de **modalidade deontica** (dever ser): Um tratado que **exigiria** (deveria ser) muito mais um livro de artista do que um livro **sobre** o artista... A irrealidade é marcada, justamente, pela oposição entre o **dever** e o **ser** (**deveria ser, mas não é**).

1.5 Pressuposições

§ 1 a) pp. Millôr Fernandes lança hoje um livro em São Paulo.

p. Os desenhos contidos no livro que Millôr Fernandes lança hoje em São Paulo... (1, 2)

b) pp. Os organizadores e a Editora Raízes escolheram uma forma baseada inteiramente no catálogo...

p. E a forma que os organizadores e a Editora Raízes escolheram, baseada inteiramente no catálogo... (2 a 6)

c) pp. trata-se de um livro **sobre** o artista.

p. Um trabalho que **exigiria** muito mais um livro **de** artista do que um livro **sobre** o artista... (6 a 8)

§ 2 a) pp. Millôr pensa livremente, como Steinberg,

p. ..., livre para pensar, assim como Steinberg, que... (4 a 7)

§ 3 a) pp. Millôr é **um artista sem estilo**.

p. ... além de ser **um artista sem estilo**, Millôr é também... (3 a 5)

pp. b) { pp. há máscaras que dão corpo aos sentimentos (existencial)
p. há aqueles que independem de máscaras para dar corpo aos sentimentos (existencial)
p. Pertence ao rol daqueles que independem... (5 a 7)

c) pp. **existencial básico do texto**: há um desenhista que rejeita o estilo.

p. Millôr é um desenhista que rejeita o estilo (4, 5) — retomando o título.

1.6. Operadores discursivos

§ 1 a) ou (2) — operador de disjunção inclusive (e/ou)

b) E (2) — operador de conjunção, ligando dois atos de linguagem — dois atos de asserção que encerram atos de argumentação por autoridade polifônica.

c) os melhores (3)
os mais significativos (4)
a mais adequada (10)

superlativos (relativos) que encerram comparação, com omissão dos termos comparantes (todos os demais elementos de cada conjunto).

d) (muito) mais um livro de artista do que sobre o artista... (6 a 8)

operador de comparação (comparativo de superioridade), intensificado por **muito**, em que se valoriza o termo comparado, isto é, argumenta-se a favor do termo comparado, negando (embora mantendo, ao mesmo tempo) o termo comparante que, no caso, é o tema. A estrutura poderia ser parafraseada por **Não — B mas SN A**: não um livro sobre o artista, mas um livro de artista, em que B é objeto de um ato de refutado do qual A é o instrumento².

e) **como** (7) — operador comparativo, estabelecendo relação de igualdade entre os valores **livro sobre o artista e coroação tradicionalista**, ambos minimizados diante do valor mais forte **livro de artista**, que seria exigido por uma carreira excepcional.

§ 2 a) Entretanto (1) = MAS

PA

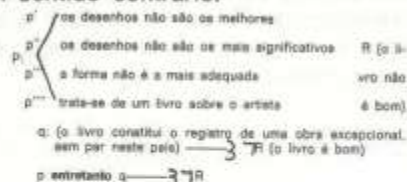
X (todo o parágrafo anterior), entretanto Y (fica, felizmente, o registro de uma obra sem par neste país).

P — } R (o livro não é bom, não faz justiça ao autor)

q — } \neg R (o livro é bom, enquanto registro de uma obra excepcional).

O primeiro parágrafo tem valor concessivo: admite a possibilidade de se argumentar a favor da conclusão R por meio de uma série de argumentos (p), introduzidos por autoridade polifônica, isto é, **mantidos**, na acepção de Vogt, mas que são, ao mesmo tempo, negados, no segundo parágrafo, pela introdução de q, argumento mais forte para \neg R do que o são os

argumentos p para R. A estratégia da concessão consiste em acordar-se à palavra do outro certo valor argumentativo, para dar maior peso aos próprios argumentos que se apresentam, a seguir, em sentido contrário.



Toda a seqüência do texto constitui uma justificativa de q.

b) **assim como** (5 e 6) — operador de comparação (= do mesmo modo que). Pode ser considerado uma espécie de cruzamento sintático entre **tão ... como (quanto)** e **como (tal ... como)**, permitindo a substituição pela expressão popular **que nem**. Embora, no caso, não se trate de comparação de propriedades atribuídas a um ser A e a um ser B, mas da comparação entre os próprios indivíduos A e B, pode-se admitir que, sendo o segundo termo (comparante), no caso Steinberg, considerado como exemplar (daí o fato citado no § 1 de se ter calcado a organização da obra de Millôr na de Steinberg), evidencia-se a presença da oposição entre os dois termos que estão sendo comparados, ou seja, o dinamismo argumentativo da compensação entre o termo comparante e o termo comparado: tomando-se o termo comparado como tema, mesmo em se tratando de um comparativo de igualdade, argumenta-se favoravelmente a ele (cf. o caso seguinte). Em outras palavras: a compensação argumentativa opera a diferença na igualdade.

c) **também** (6): operador que liga dois argumentos p e q orientados para uma mesma direção.

§ 3 — a) **tão falsas** e auto-evidentes **quanto** (2, 3): operador de comparação.

termo comparado: fórmulas de linguagem da História da Arte.

termos comparantes: Papai Noel e ovo de Páscoa.

Segundo Vogt, quando o termo comparado é tomado como tema, o enunciado comparativo constitui um argumento favorável (argumentativamente forte) à existência da propriedade que lhe é atribuída: "A é tão p quanto B" enuncia uma certa igualdade de A e B relativamente a p, mas de modo a apreciar A como provavelmente **mais** e B como necessariamente **me-**

nos.⁴ Assim, a falsidade e a auto-evidência de Papai Noel e do ovo de Páscoa são apresentadas como argumentos favoráveis à **falsidade e auto-evidência** das fórmulas de linguagem da História da Arte, visto que, se os referenciais objetivos dos termos comparantes já realizam de forma "exemplar" a qualidade, os termos comparados a realizarão com a força argumentativa que os termos comparantes lhes asseguram.

b) **afinal** (4) — introduz justificativa do que foi dito anteriormente, encaminhando para a conclusão.

c) **além** de (4)..., **é também** (4): a soma dos dois operadores equivale a **não só... mas também**, ligando dois argumentos a favor de uma mesma conclusão. Pressupõe-se uma intenção do alocutário de considerar somente o primeiro argumento (**p**), isto é, de atribuir-lhe um caráter de exclusividade para uma conclusão R e recusa-se esta exclusividade, acrescentando um argumento **q** com a mesma força de **p** no sentido dessa conclusão, ou, mesmo, argumentativamente mais forte, o que, no texto, é confirmado pela expressão "para nossa alegria". A conclusão para a qual o enunciado aponta é a **unicidade** da obra de Millôr (obra sem par neste país).

d) **pois** (6) — operador de coordenação responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo, que consiste num ato de justificação do enunciado anterior.

e) **como** (7) (= da forma como): operador indicativo de modo (maneira).

f) **mas** (8) — MAS
PA

X — confusos, sem uniformidade, paradoxais
mas Y — genuínos

p — 3 R (não têm valor artístico)

q — 3 R (têm valor artístico)

g) **apenas** (8) — operador de restrição (somente, unicamente), que inverte o sentido da escala:



R — os desenhos são coerentes, portanto o artista tem um estilo próprio.

R — os desenhos são coerentes **apenas** com os sentimentos do desenhista, portanto o **desenhista rejeita o estilo** (conclusão do texto, que retoma o título).

2. Recursos retóricos de 2º nível — retórica aplicada

2.1 Seleção lexical

2.1.1 Jogos de palavras

a) livro **de** artista x livro **sobre** o artista (baseado no valor semântico das preposições)

b) escritor de quadros X pintor de escrituras

c) **desenhista do pensamento**
cartunista do literário
crítico do grafismo \rightarrow "escritor sem estilo" X
desenhista que rejeita
o estilo

2.1.2 Oposições

a) humorista da tragédia

b) anticonvencional X tradicionalista

2.1.3 Termos dotados da mesma força argumentativa

trabalho irreverente e anticonvencional
marginalidade
fora de qualquer categoria
independe de máscaras
ironiza as fórmulas da linguagem
confusos, sem uniformidade, paradoxais

— 3 rejeição
do
estilo

2.2 **Discurso relatado:** a) utilizado para caracterizar o artista, atribuindo-lhe pensamentos semelhantes aos de Steinberg:

"desenhar é uma maneira de ponderar sobre o papel" (5,6)

"Com uma assinatura bem embaixo, no canto direito" (7)

b) atribuído a algum crítico da obra de Millôr (ou a ele próprio): "um escritor sem estilo" (4)

2.3 Elementos intercalados (palavras, expressões, orações) de maneira acessória, contendo idéias ou argumentos que o locutor deseja ressaltar (introduzidas por sinais gráficos como parênteses, vírgulas, etc.)

§ 1 — ..., baseada inteiramente no catálogo da exposição de Saul Steinberg, no Whitney Museum of Art de N. Y., por Harold Rosenberg (A. A. Knopf), ... (2 a 6).

§ 2 — ..., livre para pensar, assim como Steinberg, que ... e de ver as cenas do mundo, também assim como o genial artista americano... (4 a 7)

§ 3 — ... afinal, além de ser um escritor sem estilo... (4, 5)

2.4 Outros recursos gráficos

Aspas — usadas sempre para introduzir o discurso relatado, com exceção de "coroação" (§ 1, 7), que deixa transparecer uma alusão irônica ou sarcástica.

Mudança de tipo: mais um livro de artista, do que sobre o artista.

2.5 Comparações

O texto é montado basicamente sobre comparações (o que pode ser comprovado, inclusive, pela predominância dos operadores de comparação).

Além das comparações de caráter propriamente lingüístico, já analisadas, podemos detectar:

a) no primeiro parágrafo, um paralelo entre Millôr e Steinberg, que pode ser considerado desfavorável ao primeiro, em razão de se apontar o fato de os editores e organizadores de seu livro se terem calcado, de maneira evidente, na organização (formal) do catálogo da exposição da obra de Steinberg;

b) no 2º parágrafo, um paralelo entre o modo de pensar e a visão de mundo de ambos os artistas. Introduzido por uma adversativa (entretanto) fica clara a oposição entre os dois parágrafos: se, do ponto de vista meramente formal da organização do livro, Millôr fica a dever a Steinberg, cuja obra lhe serviu de modelo, do ponto de vista artístico e intelectual os dois se encontram, no mínimo, no mesmo plano. O equilíbrio da balança é passageiro, fazendo com que ela se incline para o lado do termo comparado, quando esse é tomado como tema — e o termo comparado, no caso, é Millôr.

c) no 3º parágrafo, um confronto entre as correntes artísticas — fórmulas de linguagem da História da Arte — e os trabalhos do artista — confusos, sem uniformidade, paradoxais, mas genuínos.

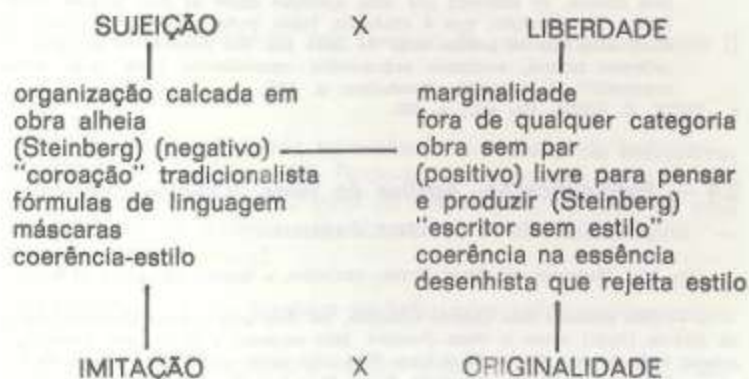
d) no mesmo parágrafo, o confronto:

"escritor sem estilo" X desenhista que **rejeita estilo**

e) ainda no último parágrafo, o paralelo entre a incoerência aparente e a coerência interna, na essência, da obra de Millôr e que o define como um desenhista que rejeita o estilo.

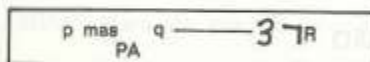
CONCLUSÃO

A maior força argumentativa do texto está no uso da comparação, que, como vimos acima, se estabelece em vários níveis: no nível especificamente lingüístico (uso dos comparativos de igualdade e de superioridade); no nível informativo (semelhança entre a forma dada à coletânea de trabalhos de Millôr e Steinberg, semelhança entre as visões de mundo dos dois artistas); no nível do implícito (subentendido), quando se dá a entender que a semelhança entre o modo de pensar e a concepção de arte dos dois artistas, ambos geniais, é muito mais importante que a organização formal de suas coleções; que, enquanto a maioria dos artistas necessita de máscaras para dar corpo aos sentimentos, Millôr é capaz de apresentá-los de maneira genuína, tais como são; e que esta liberdade no modo de pensar, de agir, de criar é que faz com que ele **rejeite o estilo (fórmulas impostas pela História da Arte)**. Esquematizando:



O movimento argumentativo do texto é, em escala maior, o do MAS, operador argumentativo por excelência, no di-

PA
zer de Ducrot. Todo o primeiro parágrafo pode ser considerado o elemento p, que poderia levar o leitor a concluir pela má qualidade do livro de Millôr. A autora do texto reconhece a validade dos argumentos contidos em p, mas acrescenta, por meio de q (2º parágrafo), argumentos mais fortes no sentido da conclusão inversa: a boa qualidade da obra. O terceiro parágrafo confirma a regra de que



isto é, que, no final, deve prevalecer a conclusão contrária àquela a que se poderia ser levado pelos argumentos contidos em p, já que os argumentos apresentados em q para R são mais fortes que os de p para R, sendo reforçados, ainda, pela própria "liberalidade" (concessão) da aceitação de p: o procedimento retórico de se admitir os argumentos do opositor tornam mais sólida a nossa própria argumentação no sentido oposto.

NOTAS

1. BRUXELLES, S. et al. 1978). "Déclément: la classification dissimulée". In DUCROT, O. (1980). *Les Mots du Discours*. Ed. du Minuit, Paris.
2. DUCROT, O., *Analyses Pragmatiques*, In *Communications* 32, 1980, p. 27: Seguindo de ao contrário, mas serve de retificação e introduz um predicado de orientação oposta à daquele que é negado na primeira proposição.
3. VOGT, C. (1977) afirma que: "o comparativo de igualdade se apresenta como um equilíbrio passageiro entre dois pesos de uma balança e que, por isso mesmo, se sustenta por uma oposição entre os dois termos comparados. Tal oposição, que é dinâmica, tanto pode realizar-se ao nível das conclusões que se podem tirar de cada um dos termos, ou ao nível dos próprios termos, enquanto argumentos equivalentes para uma mesma conclusão" (*O Intervalo Semântico*, p. 202).
4. VOGT, C. (1977), *Op. cit.*, p. 210.

8.4 — Exemplificação: Análise do Texto "Opinião Carioca"

OPINIAO CARIOCA

(De José Medeiros, da Sport Press, exclusivo a Gazeta Esportiva 17/9/81)

I — Zico realizou uma grande exibição, fez dois gols e comandou o Flamengo na vitória (fácil) sobre o Boca Juniors. Isto equivale a dizer que venceu com sobras o duelo com Diego Maradona. Mas não seria equilibrado que, com base nestes fatos, se desse um veredicto final: Zico é melhor que Maradona. O que se deve dizer, efetivamente, é que Zico é um jogador formado, maduro, experiente e em grande fase. Ao contrário de Maradona, que com 21 anos, é um

jovem em formação, sem ter ainda explorado e desenvolvido todo o seu potencial. Onde pode chegar é difícil prever-se, mas pode, quando tiver a idade e a experiência de Zico, estar até em um nível superior ao do jogador do Flamengo, que, com 28 anos, pode manter-se onde está por muito tempo, mas dificilmente terá algo novo a acrescentar ao seu ótimo repertório.

II — No julgamento das atuações de Zico e Maradona, antecorrem, deve-se considerar algumas diferenças fundamentais nas condições de jogo de cada um. Zico tinha ao seu lado a imensa torcida, que o motiva, e uma equipe de jogadores de grande categoria, entrosada, jogando quase por música, com pelo menos uma dúzia de jogadas ensaiadas. Maradona, ao contrário, foi prejudicado pela mediocridade quase geral do time do Boca Juniors. Alguns torcedores saíram convencidos de que sem Maradona, Perotti e Ruggeri, este time do Boca Juniors teria que disputar a segunda divisão do Rio, com o Friburguense e o Niterói. Enquanto Zico recebia boas bolas e tinha sempre um companheiro bem colocado para recebê-la de volta, Maradona não conseguia trocar mais de dois passes com qualquer companheiro. E desta forma não poderia mesmo mostrar todo o seu futebol.

III — Mas em algumas poucas intervenções, quando conseguiu livrar-se da implacável marcação de Andrade, Maradona, em simples toques de bola, mostrou sua inteligência e sua habilidade. Não mostrou, no entanto, nada que justificasse o cartax que tem, porque seu cartax é de fato muito maior que seu futebol, ainda em desenvolvimento. O que ocorre é que Maradona é para os torcedores brasileiros um jogador de vídeo-tape. Eu explico: o que se vê de Maradona, no Brasil, são lances extraídos de uma partida, em que ele normalmente produz grandes jogadas. O julgamento de Maradona, acima de qualquer suspeita, seria feito pela observação de seu comportamento em vários jogos, durante os 90 minutos. O cartax de Maradona, no Brasil, é exagerado. É produto de um expediente muito utilizado por empresários nem sempre honestos, que costumam vender jogadores para o Exterior exibindo gols ou boas jogadas selecionadas em vários jogos. Isto significa a venda de um produto pela exibição de suas qualidades, sem a chance de o freguês ver os seus defeitos.

1. Recursos argumentativos do nível fundamental — retórica integrada

1.1 Tempos verbais

§ 1 — Predominância dos tempos do comentário (Grupo I)

Exceções:

a) 1º período — todos os verbos no perfeito do indicativo: realizou (1) e comandou (1). Pode-se dizer que se trata de um relato rápido que irá dar origem ao comentário, ou seja, de uma retrospectiva em relação ao tempo zero do comentário — (presente do indicativo).

b) venceu (2) — também perfeito com valor retrospectivo.

c) séria (3) — metáfora temporal de validade limitada (futuro do pretérito). Já vimos que, de acordo com Ducrot (1980), pode ser considerado como um fenômeno de polifonia, em que

se incorpora ao enunciado algo que se pode atribuir a um locutor real ou virtual, a um conjunto de enunciadores, ou mesmo à "vox populi".

§ 2 — Embora introduzido por um tempo comentador — **deve-se considerar** (2,3) — apresenta predominância dos tempos do Grupo II, isto é, do mundo narrado. Trata-se, com efeito, de um relato sumário do que aconteceu no decorrer da partida. O que chama a atenção é o fato de a maioria dos verbos virem no **imperfeito do indicativo**, tempo que, segundo Weinrich, marca o **segundo plano** da narrativa. Na verdade, a impressão que se tem é que o locutor tenta, através deles, mostrar o panorama geral do jogo, servindo de pano de fundo a alguns destaques que faz com relação à partida como um todo e, no parágrafo seguinte, à atuação individual de Maradona. Se não, vejamos:

a) ... Zico **tinha** ao seu lado a imensa torcida... (3)

b) Enquanto Zico **recebia** boas bolas e **tinha** sempre um companheiro bem colocado, Maradona não **conseguia** trocar mais de dois passes com qualquer companheiro.

c) ... Maradona, ao contrário, **foi** prejudicado pela mediocridade... (5,6)

d) Alguns torcedores **sairam** convencidos de que... (6 a 9)

c) e d) são destaques que encerram uma opinião do locutor.

Há ainda outras formas verbais a serem explicadas:

e) Zico **tinha** ao seu lado a imensa torcida, que o **motiva**... (3)

O **presente do indicativo**, tempo fundamental do comentário, empregado dentro do relato, leva a este, na opinião de Weinrich, algo da validade, do compromisso comum ao mundo comentado. Seria, portanto, uma metáfora temporal, já que a quebra da concordância dos tempos verbais ocorre dentro do mesmo período. O que é de estranhar é o fato de ser justamente o verbo da oração adjetiva o que se encontra no presente. Se ambos os verbos estivessem no presente, ter-se-ia o **presente narrativo**, definido por Weinrich como metáfora temporal que insiste sobre a validade dos fatos narrados, isto é, destinada a acentuar a realidade do relato. Do modo, porém,

como o período está construído, a explicação de Weinrich não parece adequada. Há duas hipóteses que poderiam justificar o emprego do presente na adjetiva:

i) reintroduzir a noção de aspecto — contra a qual se insurge Weinrich — afirmando tratar-se de **ação habitual**, tanto que se pode subentender o advérbio **sempre**: que **sempre** o motiva (que costuma motivá-lo);

ii) postular (para evitar o recurso ao aspecto) que se trata de uma **oração acessória**: "complexidade de matéria", na terminologia da lógica de Port Royal — cuja interpretação seria: torcida **que tem o poder de motivá-lo**, explicação que nos parece mais coerente com a linha que vimos adotando.

f) Alguns torcedores **sairam** convencidos de que... esse time do Boca Juniors **teria que disputar**... (6 a 9).

As duas formas verbais existentes no período pertencem ao Grupo II (mundo narrado), portanto a concordância foi observada. Embora este período não constitua parte do relato daquilo que os dois jogadores fizeram em campo, o enunciado incorporou ao relato a opinião provável dos torcedores que assistiram à peleja, ao saírem do estádio, justificando, pois, o uso dos tempos do relato.

g) E desta forma não **poderia** mesmo mostrar todo o seu futebol (11, 12).

Aqui surge novamente futuro do pretérito, fechando o segundo parágrafo que, como vimos, foi introduzido por um **tempo comentador**, após o qual se passou ao relato. Seria de se esperar, pois, um tempo do mundo comentado, já que se emite uma opinião. Tem-se, assim, uma metáfora temporal, limitando a validade do comentário, ou, então, a atribuição desse comentário a um outro interlocutor (possivelmente os torcedores), atenuando a força da asserção da qual o locutor não se apresenta como o único responsável.

§ 3 — Nos dois primeiros períodos, encontram-se três ocorrências do **perfeito** (**conseguiu, mostrou; mostrou — justificasse** (imperfeito do subjuntivo, semitempo dependente de **mostrou**), ressaltando, como já se disse, a atuação individual de Maradona.

Já no segundo período, porém, ocorre um **presente** (é (4)), e, a partir daí, somente aparecem os tempos do comentário, o que se justifica por ser esta, justamente, a parte em que o lo-

utor apresenta suas opiniões com relação aos fatos anteriormente levantados.

A ocorrência do presente no segundo período, quebrando a concordância dos tempos verbais, explica-se por se tratar de um novo ato de enunciação, apresentado como justificativa dos fatos relatados na primeira parte do período.

Exceção: **seria feito** (8, 9) = deveria ser feito. Limita a validade da asserção (deveria, mas não é).

1.2 — Advérbios atitudinais

§ 1 a) **efetivamente** (5) = com certeza, sem receio de errar.

1.3 — Índices de avaliação

- § 1 a) ...grande exibição... (1)
b) ...venceu com sobras o duelo (2,3)
c) ...não seria equilibrado que... (3,4)
d) ...seu ótimo repertório (11)

§ 2 a) ...a imensa torcida... (3)

b) ...uma equipe de jogadores de grande categoria jogando quase por música... (3,4)

- § 3 a) ...seu cartaz é muito maior que seu futebol... (4)
b) ...acima de qualquer suspeita... (8)
c) O cartaz... é exagerado (10)

1.4 — Indicadores ilocucionários e modais (verbos, expressões, advérbios, tornelos sintáticos, etc.):

§ 1 a) Isto equivale a dizer que... (2)

Introduz uma asserção derivada, destinada a esclarecer melhor, a desenvolver o ato de asserção anterior. Essas expressões possuem uma função geral de **ajustamento, de precisão do sentido** do enunciado que interpretam, sendo as interpretações por eles introduzidas sujeitas ao **destacamento do sentido** ("détachement du sens"), na acepção de Cornulier (1980)¹, manifestando expressamente uma intenção semântica.

b) O que se deve dizer, efetivamente, é que... (4,5)

Novo ato de asserção derivada, que diz respeito não apenas ao que foi dito anteriormente, mas ao **próprio dizer**.
deve — modalidade **deôntica**

- c) Onde **pode** chegar... é difícil prever-se... (8) **pode** — modalidade do possível (= ter possibilidade). é **difícil** — orientação no sentido do impossível.
d) mas **pode**... estar (8,9) = modalidade do possível.
e) **pode** manter-se (10) = modalidade do possível.
f) ...**difícilmente** terá algo novo... (10,11) = orientação no sentido do impossível.

§ 2 a) não **poderia** mesmo mostrar (11, 12) = orientação no sentido do impossível.

modalidades aléticas oposição entre possível e impossível

b) **deve-se** considerar (1,2) = modalidade deôntica (= tem-se o dever de...).

§ 3 a) seu cartaz é **de fato** muito maior que seu futebol... (4) de fato = realmente = modalidade da certeza (eixo epistêmico) asserção reforçada.

b) **Eu explico** (6) — verbo explicar usado com valor de performativo explícito, com função semelhante à da expressão: **isto equivale a dizer que...**, analisado em § 1 a.

c) **O julgamento... seria feito...** (8) = deveria ser feito — modalidade deôntica, atenuada pelo emprego do condicional (futuro do pretérito).

d) Isto significa: ver acima — § 1 a e § 3 b.

1.5 — Pressuposições

- a) pp. Estes fatos não permitem dar um veredicto final
p. Mas não seria equilibrado que, com base nestes fatos, se desse... (3,4)
b) pp. Maradona tem um grande potencial a ser explorado e desenvolvido
p. ...é um jovem em formação, sem ter ainda explorado e desenvolvido todo o seu potencial (6 a 8)

- c) pp. Maradona não tem a idade e a experiência de Zico
 p. ...quando tiver a idade e a experiência de Zico (8,9)
- d) pp. O repertório de Zico é ótimo
 p. ...dificilmente terá algo a acrescentar ao seu ótimo repertório (10,11)
- § 2 a) pp. houve diferenças fundamentais nas condições de jogo de cada um (existencial)
 p. ...deve-se considerar algumas diferenças fundamentais (1,2)
- b) pp. há uma imensa torcida que motiva Zico (existencial)
 p. Zico tinha ao seu lado a imensa torcida, que o motiva (3)
- c) pp. ...o time do Boca Juniors é medíocre.
 p. ...foi prejudicado pela mediocridade quase geral do time do Boca Juniors (5,6)
- d) pp. Zico recebia boas bolas e tinha sempre um companheiro bem colocado para recebê-la de volta
 p. Enquanto Zico recebia... (9 a 11)
- § 3 a) pp. a marcação de Andrade foi implacável
 p. em algumas intervenções, Maradona conseguiu livrar-se da implacável marcação de Andrade.
 p. ...em algumas intervenções, quando conseguiu livrar-se da implacável marcação de Andrade... (1 a 3)
- b) pp. Maradona tem inteligência e habilidade
 p. Maradona, em simples toques de bola, mostrou sua inteligência e habilidade (2,3)
- o
 pp. { pp. Maradona tem cartaz
 p. o cartaz de Maradona é maior que seu futebol
 p. ...nada justifica o cartaz que tem, porque seu cartaz é de fato muito maior que o seu futebol... (3,4)
- d) pp. O futebol de Maradona está em desenvolvimento
 p. ...maior que o seu futebol, ainda em desenvolvimento

- e) pp. há partidas em que Maradona produz grandes jogadas (existencial)
 p. ...lances extraídos de uma partida, em que ele normalmente produz grandes jogadas
- f) pp. Maradona tem cartaz no Brasil
 p. O cartaz de Maradona no Brasil é exagerado
- g) pp. Há empresários desonestos (existencial)
 pp. Esses empresários costumam utilizar expedientes desonestos para vender jogadores para o Exterior.
 p. É produto de um expediente muito utilizado por empresários nem sempre honestos que costumam... (10 a 13)
- h) pp. O freguês não tem chance de ver os seus defeitos.
 p. Isto significa a venda de um produto pela exibição de suas qualidades, sem a chance de o freguês ver os seus defeitos.

Pressuposto básico do texto, responsável pela sua coerência: Zico venceu com sobras o duelo com Maradona, mas não se pode dar, com base nesse fato, um veredito final.

Note-se que é possível ler todo o texto com base apenas nos pressupostos.

1.6 — Operadores discursivos

§ 1 a) e (2) — operador de conjunção

b) **mas** (4) — MAS
 PA

X: Isto equivale a dizer que venceu com sobras o duelo com Diego Maradona.

mas Y: não seria equilibrado que, com base nestes fatos, se desse um veredito final: Zico é melhor que Maradona.

p (Zico venceu com sobras o duelo) — 3 R: Zico é melhor.

q (só estes fatos não bastam) — 3 7R: não seria equilibrado dar um veredito final.

Note-se que **q** não se opõe diretamente a **p**. O **mas**, no caso, estabelece oposição entre dois atos de asserções: o primeiro, em que se afirma que "Zico venceu com sobras o duelo" e que poderia levar à conclusão de que "Zico é melhor que Maradona"; o segundo, em que se põe em dúvida essa asserção, com base na insuficiência de dados para se dar um veredito final. O locutor, de certo modo, admite a possibilidade de se argumentar a favor da conclusão **R** por meio do argumento **p**; no entanto, embora não se oponha a essa conclusão, introduz o argumento **q**, por meio do qual declara que **seria precipitado** tirar de **p** a conclusão **R**, dado que os fatos em que **q** se baseia são insuficientes, o que tentará comprovar daí por diante, tanto no final do primeiro parágrafo, como também no segundo e em parte do terceiro.

O movimento argumentativo seria algo como:

p, você poderia ser levado a concluir **R**, mas **não seja precipitado**, porque **q** (série de argumentos que **deixam em suspenso** a conclusão **R**). O elemento **q**, portanto, se opõe, não ao argumento **p** e à conclusão **R**, em si mesmos, mas **à pressa**, à **precipitação** do interlocutor em tirar essa conclusão². Teríamos:

p mas q ——— } ainda não **R**.

c) **melhor que** (4) — operador de comparação (comparativo de superioridade), em que se argumenta a favor do termo comparado **A** em detrimento do termo comparante **B**, embora **B** seja mantido; isto é, para valorizar **A**, que é o tema, o locutor tem interesse de manter certa importância para **B**, que serve de instrumento para o elogio de **A**. Esta estrutura comparativa é parafraseável por um **MAS**.

PA

d) **ao contrário de** (6) — operador que estabelece oposição entre dois termos, por meio de um confronto.

e) **mas** (3) - **MAS**

PA

X: Onde pode chegar é difícil prever-se

mas Y: pode, quando tiver a idade e a experiência de Zico, estar até em nível superior...

p (é difícil prever-se) ——— } **R**: não se deve tentar nenhuma previsão

q (pode... estar em um nível superior) ——— } **TR**: é possível imaginar que...

p mas q ——— } **TR**: levantamento da possibilidade (previsão) de que Maradona venha a superar Zico.

O argumento **p** aponta para a conclusão de que não se pode fazer qualquer previsão quanto ao futuro de Maradona; embora mantendo, de certo modo, esse argumento, o locutor introduz outro que vai em direção oposta: a possibilidade de se imaginar que, quando Maradona tiver a idade e a experiência de Zico, ele venha a superá-lo. A oposição não se estabelece a nível de conteúdos, mas a nível dos atos ilocucionários e das modalidades lógicas: em **p** o ato de prever é considerado (quase) impossível (**p** é orientado no sentido do impossível), ao passo que, em **q**, aventa-se a possibilidade de uma previsão.

O conjunto **p mas q** orienta-se, assim, para a modalidade do possível, o que é, inclusive, justificado pela introdução de outra oposição (ver o item seguinte).

f) **mas** (8) — **MAS**

PA

X: ...do jogador do Flamengo, que com 28 anos, pode manter-se onde está por muito tempo.

mas Y: dificilmente terá algo novo a acrescentar ao seu repertório

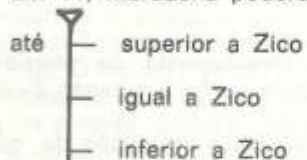
p (pode manter-se... por muito tempo) ——— } **R** não será superado.

q (dificilmente terá algo novo a acrescentar...) ——— } **TR**: poderá ser superado.

Aqui, o jogo adversativo que se estabelece é exatamente o oposto do anterior: em **p**, coloca-se a possibilidade, enquanto em **q** se introduz uma orientação no sentido da impossibilidade, quase impossível). O conjunto **p mas q** orienta-se no sentido da impossibilidade de o jogador manter-se sempre no mesmo nível ou mesmo de superá-lo, portanto, no sentido de **TR** (a maior probabilidade de que venha a ser superado), o que vem, exatamente, justificar a previsão anteriormente feita.

g) até (9) — operador de discurso que introduz o argumento mais forte no sentido de uma conclusão R.

Em T1, Maradona poderá atingir um nível x



§ 2 a) quase (4) — operador que introduz um argumento, geralmente forte, numa escala orientada para o sentido do pleno (universal afirmativo).

b) pelo menos (4,5) — marca o argumento situado na zona inferior de uma escala orientada para certa conclusão, ou seja, o mínimo que se pode dizer para que o enunciado se oriente para a conclusão desejada.

c) ao contrário (5) — marcador de oposição entre o conteúdo de dois enunciados: o primeiro referente a Zico e o segundo a Maradona.

d) quase (6) — cf. item a deste §.

e) enquanto (9) — marcador de confronto (= ao passo que).

f) desta forma (11) = portanto.

g) mesmo — operador que marca o argumento mais forte de uma escala no sentido de uma conclusão R, no caso, orientada no sentido da negação (não poderia de jeito nenhum).

§ 3 a) mas — MAS
PA

X: todo o segundo parágrafo, especialmente o enunciado final.

mas Y: em algumas intervenções... mostrou sua inteligência e sua habilidade.

p (houve diferenças fundamentais nas condições de jogo de cada um).

———3 R: Maradona não poderia mostrar todo o seu futebol.

q (houve alguns momentos em que mostrou sua inteligência e sua habilidade) ——3 TR: mostrou algo do seu futebol.

p mas q ——3 TR: conseguiu mostrar um pouco do seu futebol (apesar das condições que lhe foram inteiramente adversas).

b) no entanto = MAS. Novo jogo adversativo:
PA

X ...em algumas poucas intervenções... mostrou sua inteligência e sua habilidade.

mas Y: não mostrou nada que justificasse o cartaz que tem.

p = (q do item anterior) ——3 R: mostrou algo de seu futebol.

q (não mostrou nada de extraordinário) ——3 TR não justificou o cartaz que possui.

p mas q ——3 TR não justificou o cartaz que tem.

c) porque — operador de coordenação, que introduz um ato de justificativa do enunciado anterior (= já que).

d) (muito) maior que (4) — operador de comparação (comparativo de superioridade), intensificado por muito, em que se toma o termo comparado como tema, de modo a desvalorizar o termo comparante (cf. item c do § 1).

e) ainda (5) — marcador temporal de excesso.

f) nem sempre (11) — operador que marca a frequência da negação da qualidade expressa no enunciado (muitas vezes desonesto).

g) ou (12) — operador de disjunção inclusiva (e/ou)

h) sem (14) — no caso, introduz justificativa em relação ao conteúdo da asserção anterior, indicando a exclusão de um fato que poderia constituir um argumento contrário.

2. Recursos retóricos de 2º nível — retórica aplicada

2.1 Seleção lexical

2.1.1 Oposições

§ 2 a) equipe de jogadores de grande categoria x mediocridade quase geral do time do Boca Juniors (3 a 6).

§ 3 a) mostrou X não mostrou (2,3).

b) exibição de suas qualidades x ocultamento de seus defeitos (11 a 14).

2.1.2 Termos ou expressões semanticamente relacionadas e/ou portadores de implícitos.

a) duelo

b) ótimo repertório /jogando quase por música/jogadas ensaiadas.

c) veredito final/julgamento.

d) jogador de vídeo-tape.

e) empresários/venda de um produto/freguês.

2.1.3 Elementos, expressões ou orações intercaladas ou acessórias, contendo explicitações, idéias ou argumentos cuja importância o locutor deseja ressaltar (introduzidas por sinais gráficos como vírgulas, dois pontos, parênteses, travessões, etc.).

§ 1 a) (fácil) (2).

b) ...com bases nestes fatos...(3,4)

c) veredito final: Zico é melhor que Maradona (4)

d) ..., efetivamente, ... (5)

e) ...que, com 21 anos, é... (6)

f) ...pode, quando tiver a idade e a experiência de Zico, ... (8,9)

g) ...que, com 28 anos, pode ... (10)

§ 2 a) ...a imensa torcida, que o motiva, ... (3)

b) de grande categoria, entrosada, jogando quase por música, ... (4,5)

§ 3 a) Mas, em algumas poucas intervenções, ... (1)

b) ..., quando conseguiu livrar-se da implacável marcação de Andrade, ... (1,2)

c) Maradona, em simples toques de bola, ... (2)

2.3 Litotes

...empresários nem sempre honestos... § 3, 11.

2.4 Construções enfáticas

§ 1 O que se deve dizer... é que Zico... (4 a 6)

§ 3 a) O que ocorre é que Maradona... (5,6)

b) ... este cartaz é de fato muito maior que seu futebol.

2.5 Narrativa rápida, como um "flash" que irá servir de ponto de partida para o comentário: Zico realizou uma grande exibição, fez dois gols e comandou o Flamengo na vitória (fácil) sobre o Boca Juniors (§ 1, 1,2).

2.6 Paralelos e comparações

À semelhança do texto III, este é também montado basicamente sobre paralelos (confrontos) entre dois jogadores. Além daqueles que são lingüisticamente marcados no texto (estruturas comparativas típicas e estruturas adversativas que, como foi ressaltado por Vogt³ (1977 e 1980), equivalem também a uma comparação entre argumentos orientados em direções opostas), há também os que são feitos sem uso de marcas lingüísticas específicas. Temos, pois:

2.6.1

§ 1 confronto entre as características individuais de cada jogador:

ZICO

X

MARADONA

28 anos
jogador formado, maduro, experiente, em grande fase

21 anos
jovem, em formação, sem ter ainda explorado e desenvolvido todo o seu potencial.

§ 2 confronto entre as atuações de ambos, relacionadas às condições do jogo

ZICO	X	MARADONA
imensa torcida que o motiva equipe de grande categoria, bem entrosada, com jogadas ensaladas		prejudicado pela mediocridade da equipe
recebia muitas bolas e tinha sempre um companheiro bem colocado para recebê-la		não conseguia trocar mais de dois passes com qualquer companheiro

§ 3 confronto entre as reais qualidades futebolísticas de Maradona e o cartaz que tem no Brasil.

Note-se que a separação entre os três parágrafos é feita pelo uso de **algarismos romanos**, para acentuar os três momentos da argumentação.

2.6.2 Comparações lingüisticamente marcadas:

§ 1 a) Zico é melhor que Maradona.

b ...pode... estar até em um nível superior ao jogador do Flamengo.

§ 3 seu cartaz é maior que o seu futebol.

Conclusão: o movimento do texto poderia ser resumido obedecendo à própria divisão dos parágrafos:

- 1) **ZICO** o que fez no jogo (relato)
veredito possível: melhor que Maradona
o que se pode afirmar com relação a Zico (em
oposição ao que ainda não se pode afirmar
com relação a Maradona)
- 2) **ZICO** X **MARADONA** — dentro do campo, integra-
dos em suas respectivas
equipes.
- 3) **MARADONA** — o que fez no jogo, o que não fez, le-
vando à conclusão de que o cartaz
que possui no Brasil é exagerado.

O jogador é mostrado, ainda, como produto a ser vendido, que necessita de publicidade para atrair (e, às vezes, enganar) os possíveis fregueses.

A questão, porém, permanece em aberto: Quem é melhor, Zico ou Maradona? O locutor, em nenhum momento, dá o veredito final a que se referiu no início, dizendo ser prematuro e tentando mostrar-se imparcial. No entanto, por tudo o que foi dito (e "não dito") no decorrer do texto, a impressão que fica é que ele aponta para a conclusão antecipada no início e posta de lado como apressada ("não seria equilibrado dizer..."). Ora, esse equilíbrio e conseqüente desequilíbrio dos pratos da balança é conseguido no restante do texto. E, afinal, embora nada seja dito explicitamente a esse respeito, o leitor percebe que o prato que apresenta maior peso é o de Zico, sentindo, ao mesmo tempo, como que um esvaziamento do prato de Maradona...

NOTAS

1. CORNULIER, Benoit de (1980). Le détachement du sens. In *Communications*, nº 32, Ed., du Seuil, Paris.
2. DUCROT, O. (1980). Analyses pragmatiques. In *Communications* 32, p. 11 a 60, mostra que o *mas* pode exprimir um movimento psicológico de oposição entre crenças, opiniões, emoções, desejos, decisões, etc., quando estes se orientam em sentidos contrários.
3. VOGT, C. (1977). O Intervalo Semântico; (1980) "De *Magis* a *Mas*: uma hipótese semântica". In *Linguagem, Pragmática e Ideologia*, já citados anteriormente.
4. VOGT, O., Op. cit.